

APRESENTAÇÃO

Quem é mulher? Que mulher? Que mulheres?

DOI 10.14393/CEF-v29n2-2016-1

As perspectivas que acionam os movimentos feministas na história buscam transformar a vida das mulheres e contestar as definições do feminino que são produzidas da sociedade, ou ainda, reler as posições do feminino que circulam na cultura. No jogo discursivo das ciências, da política, da arte, em suma, do mundo social, as experiências das mulheres, de modo geral, emergem em representações para evidenciar e naturalizar a localização inferiorizada do feminino em relação ao masculino.

Em um primeiro momento, as lutas refutaram a caracterização discursiva que inferiorizam ou desqualificam as práticas das mulheres e defenderam a igualdade de direitos e oportunidades. Adiante, entretanto, os feminismos radicais propuseram uma crítica própria às mulheres, a fim de formular uma nova teoria política e social também para politizar o corpo, a sexualidade, o trabalho, a violência doméstica, mas sobretudo desconstruir a misoginia das representações.

Mas que 'mulher'? Como expressar experiências tão distintas nesse conceito? Se no singular – a mulher -, como identificar o que as mulheres teriam ou compartilhariam em comum que possa forjar bases para uma política emancipatória coletiva? Do ponto de vista dos feminismos da diversidade, como lidar com as diversas experiências das mulheres, de modo a deixar vivas as possibilidades de um movimento político unificado?

Da crítica à concepção unificada de 'mulher' à compreensão alternativa da subjetividade, perspectivas feministas e representações do feminino, teorias críticas, agendas políticas, são essas as questões que se pretende discutir neste dossiê. Tópicos que habitam um cenário de possibilidades para o exercício da política e do pensamento, em suma, para a prática de leituras múltiplas da problemática/performatividade do gênero, das representações do feminino e das categorias da identidade.

As representações do feminino, do corpo, da violência e das resistências aparecem problematizadas no dossiê, sob diferentes perspectivas. O artigo **Representações do feminino no Debate Educacional da Década de 1920**, de Léa Maria Carrer Iamashita, professora da Universidade de Brasília, abre o dossiê. Nêle, ela explora as demandas dos movimentos feministas e a modernização do país a partir do debate educacional da década de 1920.

"**Pronto, agora já sou moça**" é um artigo que analisa as representações do corpo menstruado. Segundo as autoras, Virgínia Palmeira Moreira e Mércia Rejane Rangel Batista, da Universidade Federal de Campina Grande, o interior do corpo feminino tem sido submetido a imagens que buscam dar significado a eventos gerando condutas que respondem mais a uma dinâmica sociocultural, do que, biológica.

O corpo *fitness* é objeto de exploração do artigo **Catálogos ou Catalogadas?** Liandra Fátima Hengen e Denise Castilhos De Araújo, da Universidade Feevale (Brasil), refletem que o corpo feminino, nesses catálogos, a exemplo de Rala Bela e DiCorpo, pode ser considerado como um produto, que indiretamente está à venda. Nele, prospectam-se medidas, as quais são reflexos dos atuais padrões estéticos.

O corpo de mulher e a "moda", veiculados na informação midiática, é também objeto da exploração de Denise Castilhos De Araújo e Gabriela Barbosa, no artigo **Mulheres Maduras e Moda** em virtude de sua faixa etária, indivíduos que têm entre 45 e 64 anos.

Os corpos de meninas e a representação das crianças são o alvo do artigo **Novas Representações "FeMeninas" em Guimarães Rosa**, de Camila Rodrigues, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. Esse destaque da mulher quando criança pode esboçar um desenho do novo papel social assumido pelo feminino na década de 1960-70.

Reconstruída nos textos literários, a representação da violência é objeto de exploração do artigo **Marina Colasanti na obra Contos de Amor Rasgado**. Os autores, Simone Silvia Bedin Coelho, Maria do Carmo Cabreira e Valdeci Batista de Melo Oliveira da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, partem dos estudos de Zilbermann a respeito da Estética da Recepção como metodologia de leitura e apreciação do texto literário e do método recepcional das autoras Bordini e Aguiar (1993).

Outra representação construída na literatura, esta de mulher transgressora, constitui o enfoque escolhido para reflexão no artigo de Fabiana dos Santos Sousa, da Universidade Federal do Piauí, **A personagem Lou em Humana, Demasiado, Humana**.

O artigo "**Não Dói o útero e sim a alma**", de Patrícia Rosalba Costa, Miriam Pillar Grossi e Maria Jose Marco Macarro, da Universidade Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Sergipe-IFS, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e Universidad Pablo de Olavide (UPO), respectivamente, trata da violência revelada nos discursos na mídia sobre o estupro coletivo.

A violência reaparece no artigo **Honra e Proibidade: sob um peso, sobre duas medidas**. Nele, Michelle Silva Borges e Vera Lúcia Puga, da Universidade Federal de Uberlândia, veicula problemas e resultados da pesquisa sobre boletins de ocorrências registrados na Delegacia de Defesa da Mulher de Ribeirão Preto/SP entre 2007 e 2013, e discute a evidência de crimes contra a honra (CCH), tipificados como calúnia, injúria e difamação, e também, ameaça, lesão corporal.

A violência e a resistência também marcam a vida, a arte e o corpo da compositora, pianista, ativista e cantora. O filme *What Happened, Miss Simone?* de Liz Garbus é o suporte da reflexão histórica/historiográfica de Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior e Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro que resulta no artigo **Tributo a Nina Simone: arte, política, o corpo e a questão racial/sexual nos Estados Unidos da América em dois atos**.

Um outro conjunto de artigos revela experiências de mulheres como figurantes ou agentes na/da encenação política e no/do mundo do trabalho. No artigo **Sufrágio à Brasileira, uma leitura Pós-Colonial do Feminismo no século XIX**, Rebecca Corrêa e Silva e Joana Maria Pedro, da Universidade Federal de Santa Catarina, discutem as relações entre feminismo e positivismo na obra de Nísia Floresta, intelectual e defensora dos direitos da mulher brasileira no século XIX.

Em **Cotas eleitorais: a participação das mulheres na política argentina e brasileira**, Caetana Caceres Lopez, Francisco Alfredo Braun Neto e Ana Cláudia Delfini C. de Oliveira, da Universidade do Vale do Itajaí, analisam o sistema de cotas para o aperfeiçoamento da democracia e a participação feminina apontando avanços

políticos em prol da paridade de gênero e uma mudança gradativa nestes países.

Rosilaine Aparecida Pinto e Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo, da Faculdade Novos Horizontes, com o artigo, **O empoderamento de delegadas da Polícia Civil na ótica da Violência Simbólica**, analisam como se configura o empoderamento de delegadas da Polícia Civil com base no modelo proposto por Melo (2012).

Em, **Força de trabalho feminina: indicadores quantitativos de exclusão junto aos profissionais das ciências e das artes**, Margarete Paneral Araujo, Judite Sanson de Bem e Moisés Waismann da UNISALLE, destacam reflexões sobre trabalho, formação e gênero que caracterizam esse grupo de profissionais.

Enfim, **“Na casa dos outros”:** **mulher, doméstica e migrante? A soma das desigualdades femininas**, Guélmer Junior Almeida Faria, Maria da Luz Alves Ferreira e Andrea Maria Narciso Rocha de Paula, da Universidade Estadual de Montes Claros, evidenciam o trabalho doméstico como manifestação das somas das desigualdades experienciadas na migração feminina de comunidades rurais .

Tramar, Destramar e Retramar: a arte nas montanhas das Minas Gerais, de Amanda Motta Castro, da Universidade Federal do Rio Grande / FURG, relata o processo pedagógico de ensinar e aprender da tecelagem manual desenvolvido em Resende Costa, MG.

Redes Sociais: grupo para imigrantes brasileiras em Portugal, de Eliany Nazaré Oliveira, da Universidade Estadual do Vale do Acaraú e Félix Fernando Monteiro Neto, Professor Catedrático da Universidade do Porto, relata a experiência sobre a criação e administração de um grupo nas redes sociais para imigrantes brasileiras em Portugal.

Três resenhas fecham esta edição. Benedito Eugenio, professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) discute **Mulheres do Campo e Relações de Gênero**, de STECANELA, Nilda; FERREIRA, Pedro M.; Vicentonio Regis do Nascimento Silva, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), analisa o livro de GOLDENBERG, Miriam **Homen não Chora, Mulher não Ri** que divulga e debate os resultados de suas pesquisas não apenas no âmbito acadêmico; Miguel Archanjo de Freitas Jr., Bruno José Gabriel e Marcela Caroline Pereira, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, trazem à reflexão **Fazendo Gênero e Jogando Bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90**, resultado de uma delimitação da tese de Enny Vieira Moraes, desenvolvida no programa de doutorado em História Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), contribuindo para pensar como o gênero atravessa temáticas e disciplinas diversas.

Agradecemos a todos(as) que colaboraram para esta edição do Caderno Espaço Feminino, em especial, Mariana Gorman, que compôs a imagem da capa e cedeu-nos para esta publicação e esperamos que sua leitura seja proveitosa no exercício de práticas construtoras da equidade de gênero.

Dulcina Tereza Bonati Borges
Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro
Conselho Editorial NEGUEM/UFU